

**A (IN)VISIBILIDADE DA BELEZA NEGRA SOB UMA PERSPECTIVA ÉTICA  
E ESTÉTICA-FILOSÓFICA: QUANDO O CORPO SE TORNA POLITICO**

Amanda Aparecida Salomão Lopes de Souza\*

Edivaldo Simão de Freitas\*

**Resumo:** O presente artigo investiga de forma inicial, as percepções que as negras têm de sua relação com o cabelo, beleza e emancipação, a partir de um levantamento bibliográfico, cujas as fontes principais de averiguação foram as escritoras feministas negras e especialistas no assunto do século XXI ou não, com opiniões divergentes sobre o tema.

**Palavras-Chave:** Invisibilidade. Beleza da Mulher negra. Estética do cabelo. Empoderamento negro. Feminismo

**THE (IN)VISIBILITY OF BLACK BEAUTY: UNDER AN ETHICAL AND  
AESTHETIC-PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE: WHEN THE BODY  
BECOMES POLITICAL**

**Abstract:** This article investigates, in an initial way, the perceptions that black women have of their relationship with hair, beauty and emancipation, based on a bibliographic survey, whose main sources of investigation were black feminist writers and specialists in the subject of the 21st century. or not, with differing opinions on the topic.

**Keywords:** Invisibility. Black Woman Beauty. Hair aesthetics .Black Empowerment. Feminism

**INTRODUÇÃO**

“Assim, toda a questão se reduz a isto: pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?”

Paul Valéry

---

\* Designer de moda (UTFPR – 2018)

\* Mestre em Filosofia (UFC-2018). Doutorando em Letras (UFC). Bolsista FUNCAP. e-mail: [edyinaudivel@hotmail.com](mailto:edyinaudivel@hotmail.com)

A construção estética da beleza indentitária da mulher negra e sua luta pela autoestima estética. A beleza negra tem sido negada nos últimos 500 anos, com tentativas furtivas de embranquecimento compulsório, por meio de políticas de mestiçagem, para uma suposta “melhora” da raça; políticas essas que tinha por objetivo pulverizar a etnia no Brasil, o que não ocorreu; e atualmente vêm surgindo dentro do movimento negro uma forma de reivindicação incessante, não só da beleza negra, mas aceitação da mesma, por parte da própria comunidade negra, elevando o *status* do corpo para um corpo-político e assim o tornando um agente que promova amálgama social étnico/racial. A mulher preta vem reconhecendo seu lugar de fala e inicia uma luta pelo mesmo. Esta resenha surge das observações acerca da mulher negra e seu posicionamento na sociedade contemporânea e todo seu confronto sócio-historicamente menosprezado. O ponto principal desta pesquisa é o cabelo como forma de emancipação e essa nova noção de beleza, que surgiu em um espaço curto de tempo, perto de uma história tão longa de negação; nesse sentido o cabelo é visto como forma de construção sociocultural. Louro (2007, 2004); Queiroz (2000) e Fraga (2000); corroboram com a ideia de que alguma maneira o cabelo tem uma certa significância e ela varia muita de cultura para cultura.. De certo modo na contemporaneidade, os indivíduos estão evidenciado na imensidão de mensagens na mídia, das quais têm como destaque a beleza.

#### **O NOVO NASCIMENTO DA BELEZA:**

Desde seu primeiro contato, até sua colonização pelo homem branco, o fenótipo negro foi tido como inadequado para os padrões eurocêtricos de beleza, que foi o modelo pré-determinado, até então, para apreciação e exaltação do que é belo ou esteticamente apreciado como paradigma formal de alta beleza.

Com sua beleza usurpada (diríamos também: falsamente maquiada a fim de esconder-lhes os traços característicos), a população negra necessitou de subterfúgios, para que melhor se adequasse à sociedade, evasivas estas que interferiram diretamente em sua aparência e estética singular:

Esse tem sido um passo necessário tanto para conter a negatividade atrelada à identificação da feminilidade com a corporalidade, quanto para criar uma visão mais holística do que significa ser humano (FEDERICO, 2004, p. 15)

A sociedade negra, inevitavelmente, tornou-se refém de um vício cíclico de procedimentos estéticos, que causam mudanças não somente em sua aparência, mas também modifica e é motivador de danos psíquicos, comportamentais e condizentes com uma fala de outro pela motivação do auto-embranquecimento estético, em cujo teor avaliativo social deveria urgentemente se esquivar a fim de eliminá-la. De Paula (2014) corrobora com a seguinte ideia: pode-se dizer que os indivíduos exercem um controle sobre os corpos uns dos outros de modo que cada um deve adotar ações com seu próprio corpo segundo padrão de sua cultura.

A beleza da mulher negra passa por um processo de desconstrução (independentemente), com a junção da autopercepção e da representatividade, passando pelo apoio de uma mídia direcionada à comunidade negra e fazendo com que essa mulher negra se sinta inserida e representada, e com estas ações a beleza ganhe novos (re)significados. Portanto, ressignificar a beleza, traz reformas na conduta e na forma comportamental para um fim, às vezes anti-emancipatório, seja político, social ou simplesmente estético, o que não invalida uma percepção de uma cultura e uma linguagem (semiótica) para um lugar de fala. Tais reformas, que segundo Davis (2016) podem ser inevitáveis, culminando em novas formas de repressão; observadas por esse ponto de vista, a beleza, seja lá a que paradigma estejamos nos referindo, vem criando novas formas de prisão para mulher preta, em especial para as retintas (que possui cor escura ou carregada). E como já salientamos: sempre haverão estratégias mentais, para manipulação das massas, por meio da mídia e outros artifícios e isso pode ser feito para qualquer fim, seja político, econômico e até mesmo, como já afirmáramos, meramente estético.

Gomes (2003) atesta que essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence, a mulher preta deve romper com esta síndrome de castas raciais e perceber seu papel na sociedade como cidadã ativa e ciente de seu potencial intelectual e de beleza, a fim de desconstruir um controle racial, que parece acabado, mas retorna num “movimento circular” com um formato novo, para melhor se adequar à sua época e necessidade, portanto e em visto disso, é um dizer-se: lutar deve tornar-se um movimento diário e incansavelmente impoluto, embora as consequências e estratégias alienantes ainda perdurem para uma visão retrógrada, cuja maioria ainda prefere abraçar a fim de tentar anular uma possível emancipação da negritude.

## O CABELO E SEU ATIVISMO COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA:

Cabelo é história. Connell (2000) defende: o corpo é uma característica da nossa identidade social que nos situa e nos designa de certo modo na sociedade, e assim, o cabelo que faz parte do corpo de forma ativa, faz parte da identidade pessoal de qualquer indivíduo, ele conta parte da história não falada de cada pessoa, visto que ocorrem mudanças significativas com o passar do tempo, e na forma de observá-los.

O cabelo apodera-se de localização privilegiada na sociabilidade da mulher, e para negra esta é posição inclusive de vulnerabilidade, Andrade (2012) advoga que a aceitação e a valorização do crespo passa por algumas etapas, a saber: de identificação e atribuição do étnico-racial que passa por quatro estágios, “domina-os, estágios de submissão, estágio do impacto, estagio da militância e o estado de articulação”, bem como

Juntos, racismo e sexismo nos recalcam diariamente pelos meios de comunicação. Todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo. Não podemos nos resignar se sabemos que a supremacia branca informa e trata de sabotar nossos esforços por construir uma individualidade e uma identidade. (HOOKS, 2005, p. 7).

O mundo moderno avança com suas tecnologias e com elas surgem outros sistemas de doutrinação estética. A mulher negra rompeu com a ditadura da chapinha, ou pente quente, que é um pouco mais conhecido pelas negras com mais idade, e passou por um novo sistema ditatorial: o dos cachos; entretanto, quem não possui cachos naturais? Ou o cabelo não os forma? Davis (2016) afirma que, historicamente, quando alguém se esforça para criar reformas, inevitavelmente cria mais repressão.

Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (HOOKS, 1995, p. 468).

Ao abandonar a relação de submissão que a negra mantinha com seu colonizador – relação que por sua vez era estrutural – extrai-se a figura do branco dominante e entra

em discussão a imagem do negro padrão, portanto o corpo político entra em discussão. Gomes (2006), afirma que o corpo e o cabelo são colocados como espaços de aceitação, rejeição e ressignificação. Daí, a pluralidade cultural (também marginalizada) da pessoa negra poder-se-ia direcionar ao objetivo emancipatório dessas diversidades de escolhas num âmbito político e social.

Dentro da etnia negra existe o que pode ser chamado de castas raciais, Gomes (2006) assegura que “o corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes polos sociais e raciais”. E ao analisarmos mais profundamente essa existente (suposta) casta racial, e o lugar que o sujeito negro, em especial a mulher negra retinta ocupa, é observado que ela é alocada dentro de uma sub-raça. Segundo Gomes (2006): “cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil”, isso entendem o que se denomina beleza negra. dentro de uma etnia que já considerada inferior. Com seu cabelo crespo, não formando cachos, (pixaim) para alguns, com seu tom de pele escuro, nariz largo, boca grossa e corpo hipersensualizado, ela se torna, minoria incorporada dentro de uma outra minoria. De Paula (2014) afirma que o corpo é cada vez mais entendido como uma categoria social.

Indo contra toda essa ideia de racismo e padronização estética, Gregori (1993) afirma que havia vaidade naquelas mulheres negras, havia a vontade de alisar, e assim, ele não compactua com as ideias de nenhum dos autores citados anteriormente, o crítico acredita que as mulheres negras sentiam vontade de alisar seus cabelos, não havia necessidade de se enquadrar na sociedade das quais estavam inseridas. Portanto, uma afirmação errônea para a grande parte dos autores, porém, tal pensamento vem testificando uma ideia de que só nos últimos vinte anos foi realmente levada em consideração a opinião da mulher negra sobre sua beleza e seu cabelo. Wietz (2003a) articula a ideia de que as mulheres são igualmente conscientes sobre perspectivas culturais em relação aos seus cabelos. Então, é mais comum afirmar que o cabelo hoje faz parte não só da identidade da negra, mais sim de como é seu posicionamento perante a sociedade.

O cabelo é um elemento central na vida das mulheres. Ele é, ao mesmo tempo, expressão de características pessoais e sociais. Pessoas, tanto no sentido de possuir determinações genéticas como na

possibilidade de se moldar às preferências individuais. Sociais porque, ao ser exibido publicamente, influencia nas percepções e relações sociais de quem o exhibe, e por estar subordinado (ou não) a determinados padrões culturais — que influenciam muito das preferências individuais (WIETZ, 2003a).

O cabelo se tornou uma espécie de passaporte identitário, um ativismo silencioso, porém poderoso; a afirmação de uma ação social, o cabelo nada mais é do que o grito de “eu estou aqui e minha opinião importa”. De acordo com Wietz (2003) pouco importa o que mulher faça com seu cabelo, se o deixar ao natural, alisar ou usar um tecido na cabeça, seu cabelo vai sim interferir em como as outras pessoas em sociedade reagem a ela, e sua influência vai ser maior ou menor acordo com sua aparência. Ora, na compreensão de Wietz (2003), a influência nas atividades sociais do cotidiano tem grande interferência da aparência, o que pode significar uma série de coisas, das realizações mais banais com até as mais complexas.

Não se faz necessário abrir a boca, porque esse cabelo hoje passeia por lugares que até então eram considerados privilegiados. Segundo Gomes (2003), essa revalorização que está sendo presenciada, vai muito além do indivíduo, alcança o coletivo étnico que pertence a ele. Mas, recentemente, há quatorze anos atrás precisamente, Kalil (2005) em seu livro intitulado *Chic*, no qual destina um capítulo para falar da estética da mulher negra, a autora afirma o seguinte: alisar não é sinônimo de estragar os cabelos, pois hoje há produtos compostos por uma formulação mais leves e causam poucos danos aos fios, não os estica, e nem os deixa com aspectos de danificados, apenas acalma os cachos de cabelos da raça negra, porém Silva & Braga (2015) em seu artigo sobre *Transição Capilar* afirmam que “sobre danos drásticos causados pela química. Sim com tantos relaxamentos ao longo dos anos, houve uma época que quase fiquei careca devido a inúmeras químicas que tinha meus cabelos.” Todavia, nesse contexto essa afirmação vem com dois grandes erros, o primeiro a afirmação de raças e o segundo que químicas destinadas a domar cabelos crespos não causam danos.

#### **VISIBILIDADE NÃO OBJETIFICADA:**

É possível afirmar – autoras como Angella Davis e Bell Hooks asseguram isso – que a beleza negra foi invisibilizada no decorrer de sua história, ao passo que foi hipersensualizada, com reforço negativo de padrões dominantes de superexposição e

sexismos da branquitude dominante. Federici (2004) articula o pensamento que tem sido necessária a análise do corpo-político, que possui em si um ato revolucionário e vem trazendo um olhar diferenciado para filosofia contemporânea, acrescentando um ressignificado ao corpo e aos discursos políticos. Desse modo, o corpo negro é entendido como corpo-político identitário e como cárcere para muitas, por esse motivo é tão relevante a luta para as feministas negras, ao passo que é de difícil compreensão, valorização e não estereotipação do mesmo. Segundo Coupland (1997), o corpo pode ser visto como gerador de dor e sofrimento colocando a mulher em posição de vítima. E segundo Moore (2012), todos têm essa noção de socialização em prol do bem familiar, de que o racismo foi uma construção ideológica, uma elaboração intelectual para ter um fim econômico e político.

Ao colocar o corpo negro em evidencia, ele não ganha status de importância, ele não deixa de ser escravizado. Uma prova disso, é a hipersensualização da mulher preta, negra ou mulata (referência considerada pejorativa nos dias atuais) como a da Globeleza, uma mulher negra, nua, que samba de forma sensual durante o período do carnaval em emissora nacional de televisão ou outras mídias de circulação espaço-visual.

Suas musas são belas e dignas, se distanciando do estereótipo hipersexualizado da mulher negra, muito presente no imaginário do período, como ocorre na maioria das representações da mulata. Tais representações sobre mulatas aparecem em diversas canções desde o século XIX e ainda circulavam nas décadas de 1960 e 1970. (REIS, 2014, p. 2).

Uma mulher não negra nunca foi colocada em uma situação semelhante, exposta para um país, de modo que agradasse o seu dominante, com um sorriso no rosto e sendo levada a acreditar que seu status social estava sendo mudado, mas a grande verdade é que ela continuava sendo escrava da sensualização e do desejo do patriarcado.

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e torna o domínio intelectual um lugar interdito. (HOOKS, 1995, p. 468)

Hoje a visibilidade da mulher negra e de sua comunidade vêm do seu posicionamento em relação a sua beleza, a indústria deixou de vê-la como mão de obra e passou a observá-la como público consumidor em potencial. De acordo com Davis (2015), quando a mulher negra se movimenta, faz com que toda estrutura da sociedade se movimente com ela. Dentro de uma relação de visibilidade da mulher negra, não tem como não falar do feminismo, não o feminismo como é conhecido, abordando uma pauta, com visibilidade e foco para causa da mulher negra.

Mas, com a educação e a distinção das mulheres, teremos um poder que consiste em conduzir a raça anglo-saxã rumo a uma vida superior e mais nobre e, assim, pela lei da atração, elevar todas as raças a um patamar mais justo do que aquele que seria alcançado na situação de isolamento político dos sexos. [4]. (DAVIS, 2016, p. 90)

O feminismo, que foi pleito apenas da população feminina branca, ganhou sua versão negra e com ele trouxe um fenômeno de emancipação para negra, chamado de empoderamento. De acordo com Federici (2004), foi um passo indispensável para repressão da negatividade vinculada à reconhecimento da feminilidade com a corporalidade, para criação de uma visão na qual compreende em sua totalidade isso significa ser humano, pode-se dizer que emancipar é para brancas e empoderar é para negras. Fundamentado na pauta do feminismo negro, o empoderamento, se trata da luta pela consolidação da mulher negra de forma efetiva, com a intenção de converter espaços e instituições.

Uma pergunta simples e que esclarece muito bem os pontos do feminismo branco: seu feminismo abraça a causa das domésticas? A resposta é mais simples ainda, trabalho doméstico hoje no Brasil e no mundo é um resquício claro dos anos de escravidão no país. Conforme Davis (2016), a escravidão possuía a alcunha de “instituição doméstica” e as escravas nomeadas pelo inócuo termo de “serviçais domésticas”,

O caminho da salvação para a multidão emancipada do povo negro não atravessava mais a porta da cozinha, com seus grandes salões e a varanda sustentada por pilares do lado de fora. Esse caminho consiste, como todas as pessoas negras logo descobriram e sabem, em escapar da servidão doméstica. [1]

O trabalho doméstico é exercido em sua maioria por negras e periféricas, que deixam suas casas e filhos, para cuidar da casa e criar os filhos dos outros. De acordo



com Davis (2016), a percepção sobre o trabalho de “serviços domésticos”, por ex donos de escravos, era uma expressão cortês para a ocupação desdenhável que não estava muito distante da escravidão, nem por meio passo.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas [9]. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscada pelo trabalho compulsório. (DAVIS, 2016. p. 26)

Com o passar dos anos a mulher negra foi buscar seu lugar em outros setores, inclusive dentro da academia e isso se tornou um reforço positivo para sua luta e sua visibilidade como um ser pensante e dotado de um intelectual vasto.

Uma conjuntura socioeconômico-cultural impulsiona o aparecimento de uma série de explosões de expressões juvenis a partir de meados da década de 60 e início da década de 70. (...) A pretensão era por fim à opressão vivenciada nas sociedades ocidentais, através de uma negação ao império da razão científica, à repressão sexual, ao capitalismo, às guerras. (Cidreira, p.35 2008)

Visibilizar não é hipersensibilizar, esses são dois termos completamente diferentes, e com conotações e pesos sem semelhança alguma.

O paradoxo principal observado: mesmo com o passar dos anos, a figura feminina negra ainda está em posição de desvantagem em relação a outros indivíduos, observando por uma ótica um tanto simplista, porém sexista, racista e classista, a negra ainda ocupa uma posição de escrava, dentro de uma estrutura social contemporânea; fazendo um paralelo na história, o que não se pode negar é que o racismo estrutural existe e consegue fazer um anacronismo em dois momentos distantes da história.

Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (HALL, 2006, p. 50)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É leviano argumentar sem provas cabais sobre a situação da mulher negra na atualidade, sem fazer ao menos um levantamento histórico dos últimos anos. Portanto, não é necessário falar da situação da mulher preta há 120 anos atrás, pois é notadamente visível que pouco foi mudado, porém há pouco mais de vinte anos essa mudança é sentida com maior força, pois a mulher negra foi colocada em pauta, não só dentro da academia, mas também como consumidor ativo e influente dentro de sua comunidade.

Aboliu-se (pelo menos com maior nitidez) a doutrina de cabelos quimicamente tratados, e a negra passou a se ver ao natural diante de seu espelho e a gostar. Isso deixou de ser um ato unitário, individual e particular e passou a ser um ato político (bem como sócio-cultural), uma forma de posicionamento. E mesmo ocorrendo mudanças significativas na vida da mulher negra, notou-se uma dificuldade por parte da população não negra em aceitar esse novo posicionamento da mulher diante da sociedade.

Atualmente a negra se vê não apenas como força de trabalho braçal, mas como um ser dotado de um pensamento livre e com um potencial intelectual. Dessa forma, o feminismo negro é o grande potencializador desse processo, pois colocou a negra em destaque dentro do movimento e não só deu enfoque em suas dores, mas também abraçou sua causa por completo, elevando seu papel de vítima para o de autora de seu próprio destino.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, M. M. F. **Negritude em rede**: discursos de identidade, conhecimento e militância – Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011). São Paulo, 2012.

CIDREIRA, Renata Pitombo, 2008, **revista centro de artes, humanidades e letras**. Volume (1)

CONNELL, R. W. **The men and the boys**. Berkeley: California University Press, 2000.

DAVIS, Ângela. **Mulher, Raça e Classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 26~197

DE PAULA, Rogéria Costas: **Corpo Negro – Mdiatização e Performance de Raça**. III Simpósio nacional discurso, identidade e sociedade (III SIDIS) 2014.

FRAGA, A. B. **Corpo, identidade e bom-mocismo** – cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GIDDENS, Anthony & SUTTON, Philip. W, **conceitos essenciais da sociologia**, UNESP. São Paulo 2012

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Texto apresentado no II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gêneros e Movimentos Sociais: identidade, diferença e mediações. Florianópolis, 8 a 11 de abril de 2003. Disponível em: . Acesso em: 28 mar. 2012.

\_\_\_\_\_, **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003 hooks, bell. **Alisando nosso cabelos**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>

LODY, R. G. da M. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004. 136p.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FEDERICI, S. **Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation**. Brooklyn, NY: Autonomedia, 2004. Disponível em: <https://libcom.org/files/Caliban%20and%20the%20Witch.pdf>

KALIL, Glória. **Chic – umguia de moda e estilo para o século XXI**, São Paulo 2005

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para compreensão do racismo na história. São Paulo 2007.

QUEIROZ, R. S.; OTTA, E. **A beleza em foco**: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, R. S. (Org.) **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: SENAC, 2000. p. 13-66.

REIS, Alexandre. O “**poder negro da beleza**”: A influência dos movimentos estadunidenses Black is Beautiful e Black Power na obra de Jorge Benjor. In.: Anais do XI Encontro Internacional da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas Niterói, Rio de Janeiro, RJ, 2014, 20 p. Disponível em: . Acessado em: 05 dez. 2018.

SANTANA, Bianca. **Mulher, cabelo e mídia**. Revista Comunicare – Dossiê Feminismo. Volume 14 – Nº 1 – 1º Semestre de 2014

SILVA .Paula Camilla Soares E BRAGA. Ângela Márcia da Silva: **Transição Capilar**: O cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG – 2015

WEITZ, R. **Women and their hair**: seeking power through resistance and accommodation. In: WEITZ, R. The politics of women’s bodies: sexuality, appearance, and behavior. New York, Oxford University Press, 2003a.